



José Cardoso Pires

OS CONVERSADORES DE GAIOLA

Na Primavera é que é vê-los, todos aperaltados, nas gaiolas da Avenida da Igreja que avançam pelo passeio em forma de esplanadas envidraçadas. São os reformados da Função Pública (aposentados, como eles se dizem), os bancários, os do comércio ou os entendidos servidores das companhias de seguros que já cumpriram o seu tempo e que agora, em merecida liberdade, se reúnem pontualmente nas pastelarias de Alvalade para se manterem vivinhos e afinarem os trinados. Escolhem aqueles terreiros de vista aberta para a rua porque assim assistem à passagem da cidade a

Faziam um estranho par naquela sociedade de faladores. Ele de gabardina gasta, apesar de ser Primavera aberta e o sol entrar por ali dentro numa alegria morna e acolhedora; ela magra e de vestido composto, numa velhice escorrida. Mandaram vir dois copos de leite e um “croissant”, que o velho repartiu cuidadosamente pelos dois e se pôs logo a comer num mastigar demorado e silencioso.

dois palmos do nariz sem se misturarem com ela, e debicam opiniões no chazinho e na torrada sobre os casos e o mundo.

Luzidios e cortesês, os reformados de Alvalade estão em dia com a televisão que lhes solfeja o pensar quando regressam ao ninho, e daí discutirem a vários tons o futebol e o Terceiro Mundo, os concursos e as guerras de África e, sobretudo, esta Europa que se está a

desfazer em drogas e em sidas, com muçulmanos e mafiosos à mistura.

Sim, na Avenida da Igreja os conversadores de gaiola começam a andar alarmados com esta coisa da Europa. Sabem que ela principia no Atlântico, mas quanto ao resto, asa baixa e bico calado. Termina onde? Nos Urais, como quer o senhor Kohl? Na Turquia que, por sinal, até já por cá andou há uma data de séculos? “Desde quando se fala na Europa?”, perguntava, ainda não há muito tempo, o historiador Denis de Rougemont, no Congresso de Roma.

Ah, Europa! Ah, universo global! Ah, negros! Ah, recessão!

Foi precisamente numa destas discussões que um casal de velhos, vindo ninguém sabe de onde, entrou numa dessas gaiolas e, muito à margem, muito discreto, se sentou a uma mesa e mandou vir dois copos de leite e um “croissant”. “Croissant” que o velho repartiu cuidadosamente pelos dois e se pôs logo a comer num mastigar demorado e silencioso.

Faziam um estranho par naquela sociedade de faladores. Ele de gabardina gasta, apesar de ser Primavera aberta e o sol entrar por ali dentro numa alegria morna e acolhedora; ela magra e de vestido composto, numa velhice escorrida. Ambos, marido e mulher, lado a lado e distantes, naquele isolamento cúmplice que faz a companhia de muitos anos.

Comeram e ficaram.

Olhavam em frente, alheios a tudo. Alheios aos conversadores, Europa, televisão, casos do mundo. Alheios a eles próprios, até.

Mas a certa altura o velho fez um sinal ao criado e mandou vir mais um “croissant”. “Quentinho, se for possível”, disse em voz

sumida; e a mulher continuou como estava, num silêncio de perfil. Quieta, sem se voltar, sabia que o marido iria repartir o bolo como da outra vez, e quando daí a nada ele lhe ofereceu a metade que lhe cabia, afastou-a com um gesto de enfado: “Come tu, não me apetece.”

O velho não desistiu: “Está quentinho, vais ver.”

E ela, voltando-se ainda mais para a rua: “Melhor. Aproveita antes que ele arrefeça.”

Falavam baixinho para não serem ouvidos nas outras mesas.

“Por mim comi o que tinha a comer”, disse o velho. “Agora tu, só por teimosia é que deixas ficar isso aí.”

“Eu? Tu é que deixas, tu é que mandaste vir.”

“E deixo.” O velho puxou do porta-moezas. “Um pedaço de nada, custava-te alguma coisa fazeres-me a vontade?”

A mulher baixou os olhos e pegou no resto do bolo com dois dedos lentos, vencidos. Comeu-o devagar, com delicadeza, como se o quisesse demorar; e quando terminou, toda a segura do seu rosto tinha desaparecido.

Saíram deixando os conversadores de gaiola nos seus comentários de sempre onde cabia o mundo inteiro, Europa, televisão e desconcertos da sorte. Mais adiante, a meio da Avenida da Igreja, a velha teve um sorriso: “Ainda não há nada como o ‘croissant’ para saber dar gosto ao leite.”

Às vezes, quando me lembro desta estória, imagino as esplanadas envidraçadas de Alvalade, desertas e iluminadas, com “croissants” a esvoaçar por cima das mesas onde costumam discursar os cavalheiros de gaiola. ●